

Mulher, Mãe e Profissional: Incidências Discursivas na Atualidade

Woman, Mother, and Professional: Discursive Incidences in Contemporary Society

Mujer, Madre y Profesional: Incidencias Discursivas en la Actualidad

Femme, Mère et Professionnelle : Les Incidences Discursives dans l'Actualité

 10.5020/23590777.rs.v25i2.e13503

Andressa Grando Hoewell  

Mestra no PPG Psicanálise: Clínica e Cultura- UFRGS (2019/2022). Participou do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs/UFRGS-2019/2022). Possui graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2005). Especialização em Atendimento Clínico, Ênfase em Psicanálise pela UFRGS (2007-2009). Participou de seminários em Psicanálise na Escuela Freudiana de Buenos Aires (2009). Especialização, por concluir, em Intervenção Psicanalítica na Clínica da Infância e Adolescência, UFRGS (2013). De 2007 até 2009, durante o pós-graduação na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, trabalhou com atendimentos individuais, oficinas e entrevistas iniciais.

Milena da Rosa Silva  

Psicóloga. Mestra em Psicologia do Desenvolvimento UFRGS (2003) e Doutora em Psicologia pela UFRGS (2007). Professora Associada do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) desde 2010. Orientadora de mestrado e doutorado no PPG Psicanálise: Clínica e Cultura UFRGS. Pós-doutora pelo PPG em Teoria Psicanalítica (UFRJ) em 2025. Foi Coordenadora do Curso de Especialização Intervenção Psicanalítica na Clínica da Infância e Adolescência (UFRGS), edição 2013-2015 e Vice-coordenadora do mesmo curso na edição 2015-2017.

Resumo

O presente artigo visa refletir sobre o lugar da mulher que é mãe nos discursos sociais, a incidência do discurso capitalista, conforme conceitualizado por Lacan, e as saídas possíveis aos sujeitos que se nomeiam dessa forma na atualidade. Considerando que o sujeito não está desvinculado do contexto social, busca-se contextualizar historicamente as mudanças sociais em torno da figura da mulher, dando ênfase especial à maternidade e ao trabalho. Faz-se um apanhado geral sobre o que pode representar o trabalho/ a vida profissional em termos subjetivos para as mulheres. Cabe salientar que o artigo se refere a um recorte preponderante do universo de mulheres cisgêneros e heterossexuais. O estudo é baseado na teoria dos discursos de Lacan, bem como nas ideias de autores que versam sobre o tema, para pensar os ideais da cultura, os sofrimentos advindos de um discurso capitalista e possíveis saídas. Lacan teoriza sobre a possibilidade de giros discursivos, apontando saídas possíveis frente ao engessamento que tende a acontecer quando o sujeito se situa nesse discurso. Enquanto algumas mulheres mostram-se engolfadas em ideais e ditos de totalidade e plenitude – impossíveis de serem alcançados – e sofrem nessa posição de assujeitamento, outras conseguem ocupar posições subjetivas de questionamento. Não sem sofrimento, mas fazendo possível a circulação do desejo. Espaços e movimentos da cultura que permitam tais posições questionadoras favorecem que a maternidade, conciliada à vida profissional, possa acontecer considerando as singularidades de cada mulher e a circulação do desejo.

Palavras-chave: mulher, maternidade, trabalho, psicanálise, teoria dos discursos.

Abstract

This article reflects on the social positioning of women who are mothers within contemporary discourses, the impact of the capitalist discourse as conceptualized by Lacan, and the possible pathways available to subjects who identify themselves in this way today. Recognizing that the subject is inseparable from the social context, the study provides a historical contextualization of social changes surrounding the figure of women, with particular emphasis on motherhood and work. It offers an overview of what work and professional life may represent,

in subjective terms, for women. It should be noted that the article focuses predominantly on the experiences of cisgender, heterosexual women. The analysis is grounded in Lacan's theory of discourses, as well as in the contributions of authors who address this topic, to examine cultural ideals, the forms of suffering produced by capitalist discourse, and possible avenues of response. Lacan theorizes the possibility of discursive shifts, indicating potential exits from the rigidity that tends to emerge when the subject is situated within this discourse. While some women appear engulfed by ideals and narratives of totality and fulfillment, impossible to attain, and suffer in this position of subjection, others are able to occupy subjective positions of questioning. This is not without suffering, but it allows for the circulation of desire. Cultural spaces and movements that support such questioning positions foster conditions in which motherhood, combined with professional life, can take place in ways that respect each woman's singularity and sustain the circulation of desire.

Keywords: woman, maternity, work, psychoanalysis, discourse theory.

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el lugar de la mujer que es madre en los discursos sociales, la incidencia del discurso capitalista, según lo conceptualizado por Lacan, y las posibles salidas para los sujetos que se nombran de esta forma en la actualidad. Considerando que el sujeto no se encuentra desvinculado del contexto social, se busca contextualizar históricamente los cambios sociales en torno a la figura de la mujer, con especial énfasis en la maternidad y el trabajo. Se realiza un panorama general sobre lo que puede representar el trabajo y la vida profesional en términos subjetivos para las mujeres. Cabe señalar que el artículo se refiere principalmente al universo de mujeres cisgénero y heterosexuales. El estudio se basa en la teoría de los discursos de Lacan, así como en las ideas de otros autores que abordan el tema, con el fin de pensar los ideales de la cultura, los sufrimientos derivados de un discurso capitalista y las posibles vías de salida. Lacan teoriza sobre la posibilidad de giros discursivos, señalando salidas posibles frente al enquistamiento que tiende a producirse cuando el sujeto se sitúa en dicho discurso. Mientras algunas mujeres se muestran absorbidas por ideales y enunciados de totalidad y plenitud —imposibles de alcanzar— y sufren en esa posición de sujeción, otras logran ocupar posiciones subjetivas de cuestionamiento. No sin sufrimiento, pero posibilitando la circulación del deseo. Los espacios y movimientos culturales que permiten tales posiciones cuestionadoras favorecen que la maternidad, conciliada con la vida profesional, pueda acontecer considerando las singularidades de cada mujer y la circulación del deseo.

Palabras clave: mujer, maternidad, trabajo, psicoanálisis, teoría de los discursos.

Résumé

Le présent article vise à réfléchir sur la place de la femme en tant que mère dans les discours sociaux, l'incidence du discours capitaliste tel que conceptualisé par Lacan, ainsi que les issues possibles pour les sujets qui se désignent ainsi dans le contexte contemporain. Considérant que le sujet n'est pas détaché du contexte social, on cherche à contextualiser historiquement les changements sociaux autour de la figure de la femme, en mettant un accent particulier sur la maternité et le travail. Un aperçu général est fait de ce que le travail/la vie professionnelle peut représenter en termes subjectifs pour les femmes. Il convient de souligner que l'article se réfère principalement à un segment prédominant de l'univers des femmes cisgenres et hétérosexuelles. L'étude s'appuie sur la théorie des discours de Lacan, ainsi que sur les idées d'auteurs qui traitent du sujet, afin de réfléchir aux idéaux de la culture, aux souffrances engendrées par le discours capitaliste et aux issues possibles. Lacan théorise sur la possibilité de tournants discursifs, en indiquant des issues possibles face à la rigidité qui tend à survenir lorsque le sujet se trouve dans ce discours. Alors que certaines femmes se montrent submergées dans des idéaux et des discours de totalité et de plénitude – impossibles à atteindre – et souffrent dans cette position d'assujettissement, d'autres parviennent à occuper des positions subjectives de questionnement. Non sans souffrance, mais en rendant possible la circulation du désir. Les espaces et mouvements culturels permettant de telles positions interrogatrices favorisent une maternité, conciliée à la vie professionnelle, qui tient compte des singularités de chaque femme ainsi que de la circulation du désir.

Mots-clés : femme, maternité, travail, psychanalyse, théorie des discours.

Interessadas em pensar sobre conflitos e sofrimentos escutados comumente de mulheres na atualidade – especialmente ao ocuparem os lugares de mulher, mãe e profissional –, pusemo-nos a pensar sobre os atravessamentos discursivos, sobretudo do discurso capitalista, nas subjetividades de sujeitos que se nomeiam mulheres, mães e profissionais. Partimos da noção de parentalidade, definida por Iaconelli (2020, p. 17) como “a produção de discursos e as condições oferecidas pela geração anterior para que uma nova geração se constitua subjetivamente em uma determinada época”. Thaís Garrafa (2020) traz o entendimento de que, uma vez participando do mundo da linguagem, sempre haverá uma tomada de posição

frente aos nomes que nos concernem. Portanto, nomear-se pai ou mãe, tomando para si estes significantes, implica assumir um lugar na família, na sociedade e perante aquele que será reconhecido como filho. A parentalidade, assim, envolve atos de nomeação e reconhecimento de lugares, considerando tanto a singularidade de cada sujeito quanto o campo social que enlaça os sujeitos que se incumbem dessa tarefa. Tendo a parentalidade como a produção de discursos para que a nova geração se constitua subjetivamente, e considerando que as produções de discurso dos pais estão atravessadas pelo discurso social, salientamos a relevância de pensar o tema da maternidade à luz da teoria lacaniana. Maternidade que divide espaço com a vida profissional para muitas mulheres.

A cultura e o discurso social situam um determinado lugar dado às mulheres, as quais muitas vezes referem sentirem-se sobrecarregadas e culpadas. A sobrecarga diz respeito ao acúmulo de tarefas, demandas e responsabilidades que recaem sobre elas na cobrança do cuidado e responsabilidades com filhos, casa e família. Em nossa cultura oriental, são as mulheres, majoritariamente, que se ocupam com as atividades de cuidados e não os homens (International Labour Organization [ILO], 2018). Sobre a culpa, observamos que a figura ou o nome “mãe” se sobrepõe ao nome “mulher”, e que esta sobreposição acaba por gerar, em muitas mulheres, sentimentos acentuados de ambivalência e culpa quando não priorizam o “ser mãe”. Ainda hoje a cultura faz um movimento que tende a colocar a maternidade como o destino das mulheres, embora muitas optem por não ter filhos. Isso é um fato que persevera e ainda observamos. Porém, não é possível considerar a maternidade como única saída ao desejo feminino, tampouco que seja um desejo universal para todas as mulheres (Badinter, 1985; Iaconelli, 2015). Muitas mulheres passaram a investir mais libidinalmente na vida profissional, concomitante à maternidade. Culturalmente, inclusive, observamos um movimento que estimula as mulheres a serem profissionais de sucesso. Assim, seja por necessidades financeiras, desejo ou demandas capitalistas, a vida profissional convive com a maternidade, cobrando plenitude, satisfação e sucesso em todos os âmbitos de suas vidas (mulher, mãe e profissional). Como sujeitos, somos todos – inclusive mulheres – passíveis às incidências do sistema e do discurso capitalista, que dita que se obtenha sucesso em todos os âmbitos. Porém, clinicamente e em falas cotidianas, não raramente observamos que muitas mulheres se encontram em conflito sobre como conciliar esses papéis: ser, ao mesmo tempo, mulher, mãe e profissional. Observamos uma preocupação em dar conta “de tudo” – dos filhos, da casa, da família, da vida profissional etc. No entanto, pensemos historicamente sobre o lugar atribuído à figura da mulher, as demandas que lhes são impostas e os discursos que envolvem os sujeitos que se nomeiam a partir desse lugar, a fim de refletir os conflitos daí observados.

A história da mulher na cultura ocidental sempre esteve marcada pela reprodução – por ser ela quem vive a gestação e o parto – e por formas de exercícios de poder sobre seus corpos. Durante séculos, as mulheres estavam submetidas a um arranjo social no qual eram submissas à hierarquia e à autoridade dos homens, fossem o pai ou o marido. Por muito tempo foi atribuída à figura da mulher a submissão ao homem e a maternidade, estando colada à figura da mulher a figura da mãe. Em 1985, a filósofa Elisabeth Badinter, no livro *Um Amor Conquistado*, aborda a história da mulher em sociedade e o papel da maternidade atribuído a ela. A obra aborda as transformações que vinham ocorrendo e um novo espaço que vinha sendo obtido pelas mulheres que abordavam de forma distinta o destino feminino. Para além de trazer a constatação de que o amor materno não era inato, Badinter (1985; 2011) aponta para novos horizontes, para além da maternidade. Horizontes que as mulheres vinham buscando em sociedade, desmistificando os modelos culturais e sociais do século passado. A partir das transformações observadas no universo feminino, a filósofa aponta e contribui com sua escrita na construção de outras vias possíveis ao desejo feminino.

Ainda sobre a maternidade como *um* destino possível ao feminino, Freud (1932/1996) afirma que não deve ser o único destino possível para uma mulher. Dizer um destino possível, significa não fechá-lo como o único. Freud observava o que se passava em sua época, onde a maioria das mulheres, por forças sociais envolvendo jogos de poder que as subjugavam, como já citado, tinham como destino possível, geralmente, a maternidade. Porém, este “um” aponta para a impossibilidade de outras saídas para o desejo feminino.

Iaconelli (2015) situa certo mal-estar existente em torno do tema da maternidade, ressaltando que ser mãe está longe de ser um estado de puro amor e graça – imagem que parece querer insistir nos ideais da nossa cultura, da mulher instintivamente mãe e que como tal deveria ser toda amor. Longe de ser assim, Iaconelli (2015) refere que esse lugar é construído subjetiva, singularmente e, ao mesmo tempo, dependente do Outro/outros sociais. Depende de investimentos libidinais e reconhecimento de lugares/nomeações. Assim, enquanto sujeitos que se nomeiam mulheres, sofremos a influência do Outro e de seus discursos tanto do macro (cultura, Estado, sociedade) quanto do micro (familiares, relações de pessoas próximas). Quando as mulheres passaram a investir tanto tempo e energia na vida profissional quanto os homens, não deixaram de sentir-se culturalmente cobradas pelas responsabilidades na criação dos filhos e nas atividades de cuidados em geral (casa, família etc.). Haja visto os inúmeros relatos de mulheres que se sentem sobrecarregadas, ao executarem, simultaneamente os papéis de mães e trabalhadoras (Silva et al., 2020). As mulheres, assim, passaram a acumular os papéis de mãe – tradicionalmente responsáveis pelos cuidados –, e de profissional, exigindo-se sucesso em ambos. Observa-se, portanto, uma recorrente preocupação de mulheres em “dar conta de tudo”. É importante ressaltar, contudo, que mulheres são plurais e não vivenciam de forma homogênea os impactos sociais relacionados às suas posições de gênero, sexualidade, raça ou classe social. Cabe, portanto, situar que esse estudo contextualiza, majoritariamente, o universo de mulheres cisgênero, heterossexuais e brancas.

A luta feminina – em torno de obtenção de autonomia, do reconhecimento de seu valor no mercado de trabalho, dos direitos iguais na vida social e civil, bem como o surgimento da pílula anticoncepcional – possibilita maior autonomia sobre seus corpos. Atualmente, mulheres podem escolher ter ou não filhos, ocuparem-se de outros vínculos e objetivos, como a vida profissional. Esses movimentos trazem significativas mudanças, subjetivas, sociais e culturais (Santos & Brandão, 2015). Porém, muitas vezes, ocupar diferentes papéis pode trazer sentimentos contraditórios. Em nossa cultura, temos a forte presença de um discurso que demanda da mulher ser boa mãe, destacar-se no mundo profissional, além de ser bela, saudável e uma boa companheira com seu par conjugal. Como diz Ongaratto (2019), “essa conta simplesmente não fecha”. Esta expressão que Iaconelli utiliza leva a pensar na operação da castração, operação que funda o sujeito desejante para a teoria psicanalítica. Para ser mulher, ocupando os lugares de mãe e profissional, mantendo a circulação do desejo, é preciso condições para operar o exercício da falta, partindo da premissa que não é possível dar conta de tudo, ao menos não em termos de perfeições e plenitude idealizadas. Pensando nessa fala recorrente de dar conta de tudo – refletindo em sobrecarga, conflitos, sofrimentos, culpas –, tomamos como suporte a teoria dos discursos de Lacan (1992; 2003c; 1978/2017) para pensar tais conflitos e sofrimentos.

A Teoria dos Discursos e a Maternidade

O psicanalista Jacques Lacan (1901-1981) teorizou sobre estruturas discursivas onde o Sujeito do Inconsciente se situa e estabelece laço com o social. Inicialmente, formulou quatro discursos fundamentais, para, posteriormente, falar do discurso do capitalista – ao qual lançaremos luz inicialmente. Para Lacan (1978/2017), o discurso do capitalista marca uma tentativa de tamponamento da falta. Falta, intervalo, castração ou falhas, marcas que constituem o sujeito quando pensamos em psicanálise dos sujeitos desejantes. Trata-se de um discurso que não favorece o exercício da singularidade, nem o fluxo do desejo para o sujeito. Em termos de inconsciente, sofremos uma ação discursiva nesse campo capitalista, que promove determinado assujeitamento nas relações com o mundo. O sujeito desejante fica sufocado, alienado a um discurso que demanda a totalidade, o sucesso e a plenitude.

Vejamos como tal conceito foi construído em Lacan (1978/2017), a fim de pensarmos como ele opera subjetivamente nos sujeitos/sujeitas que se nomeiam como mulheres, mães e profissionais. Comumente, lemos ou ouvimos falar que o discurso predominante na atualidade é o discurso do capitalista. Segundo Dunker (2019), “a única vez em que Lacan escreveu sobre o discurso do capitalista, na forma de um matema próprio e diferente do discurso do mestre, deu-se em Milão a 12 de maio de 1972, na conferência que tinha por título original ‘Do Discurso do Psicanalista’” (p. 109). Esse encontro ficou conhecido também como “Conferência de Milão de 1972”, surgindo, assim, a fala de que o discurso do capitalista substitui o do mestre. É interessante que o discurso do capitalista já era apontado por Lacan desde a saída como destinado a explodir. Assim, referia Lacan (1978/2017, p. 49):

(...) a crise não do discurso do mestre, mas do discurso capitalista, que é o substituto dele, está aberta. De jeito nenhum lhes digo que o discurso capitalista seja medíocre; é, pelo contrário, algo loucamente astucioso. Loucamente astucioso, mas destinado a explodir.

Nessa conferência, Lacan (1978/2017) dizia que o sentido e a significação advêm por efeito de uma derrapada dos significantes. Os significantes seriam como um estilo – um estilo que já existia antes mesmo do sujeito. Não se trata daquele que fala, mas daquele que é falado pelo ser falante, ou seja, o sujeito do inconsciente – este que entra na cadeia dos significantes pela via da linguagem. “O mundo sucumbe à linguagem”, apontava Lacan (1978/2017). Ele reforçava que a incidência dos significantes, ligados à linguagem, define e constitui a forma como compreendemos o mundo. Dunker (2019) chama a atenção para a insistência do uso do termo “derrapagem” nesta conferência. A “derrapagem do significante” refere-se à não fixidez e à possibilidade de giros do sujeito nos discursos, ou seja, da possibilidade de mudanças de uma estrutura discursiva para outra.

São possíveis giros discursivos ao sujeito – do mestre ao universitário ou ao histórico, por exemplo –, como Lacan (1992; 2003c) já referia anos antes em *Radiofonia*. Porém, no discurso do capitalista, há a inversão entre o significante mestre (S1) – antes posicionado acima e à esquerda – e o sujeito (\$) – que passa a ocupar a posição abaixo à esquerda – tornando esse discurso insustentável e com características diferentes dos outros quatro discursos. Assim, Lacan (1978/2017) refere:

(...) o discurso capitalista está ali, vocês veem (...) uma pequenininha inversão simplesmente entre o S1 e o \$ (...) basta para que isso ande como sobre rodinhas, não poderia andar melhor, mas, justamente, anda rápido demais, se consome, se consome tão bem que se consuma (p. 48).

Dunker (2019) refere que se percebe uma espécie de manipulação premeditada, acelerada e controlada dessa derrapagem, resultando na astúcia e na novidade desse discurso. Ressalta-se, ainda, que há evidência de três alterações no discurso do capitalista, expostas nessa passagem de Lacan: a inversão entre significante mestre (S1) e sujeito (\$) lembra o tema da ideologia como inversão entre real e ideal; a aceleração no ritmo de trocas gera alterações estruturais discursivas; a

presença da expressão “se consome tão bem que se consoma” (p.48) na fala de Lacan, indicando a radicalização de sentido do consumir como destruição. Dunker (2019) observa que, já nesta conferência de 1972, Lacan demonstrava atenção às mudanças do capitalismo, que passava de uma matriz liberal para uma matriz neoliberal. O autor justifica a passagem de um supereu freudiano que diz “não” a um supereu lacaniano que “goza” (p. 126). Freud (1930/1988), em *O Mal-Estar na Civilização*, descreveu o mal-estar advindo do processo civilizatório, tendo como fonte três forças: da natureza, da decrepitude do corpo e da relação com os outros homens. Por mais desenvolvidos que sejamos, em termos tecnológicos, não conseguimos dominar as forças da natureza, nem a decrepitude, nem o outro. Faz parte da condição humana falharmos, faltarmos. Nem sempre alcançamos nossos objetivos ou ideais.

Desse modo, cabe perguntar: e quando temos um ideal capitalista na cultura que diz “sim, nós podemos!”, “podemos tudo!”, sustentado por um superego que diz “goza!”, que tipo de mal-estar se instaura aí? Braunstein (2010) explica que o capitalista renova o milenar discurso do mestre. O próprio, em sua condição de sujeito (\$), assume o lugar dominante que ocupava o significante mestre. Na fórmula do discurso capitalista, o agente é o mesmo que na histeria, o sujeito (\$) dividido e desejante, sujeito do inconsciente. Porém, não é o agente (\$) quem se dirige ao saber (S2), para produzir “objetos a”, forçando-o a atuar de acordo com sua vontade. O que se observa, com as setas que produzem um circuito fechado, é justamente o contrário: um movimento que mantém o sujeito alheio à sua própria divisão, à sua falta. Vejamos:

O agente do discurso capitalista “faz semblante” de ser o mestre, acredita não estar sujeitoado a nada. É o sujeito, desconhecedor de sua incurável divisão, de sua servidão a essa “verdade” que o transcende; é o sujeito que a fenomenologia sociológica de nosso tempo, influenciada pela psicanálise, chama “narcisista”. O narcisismo seria a apresentação clínica induzida pela dominância do discurso do capitalista (Braunstein, 2010, p. 152).

Assim, o quinto discurso – quarto discurso mais um – do capitalista ou discurso do mestre moderno, como foi proposto por Lacan, segundo Braunstein (2010), designa uma transformação do discurso do mestre desde um encontro com as ciências. Encontro que se anuncia com objetos técnicos que se inventam a partir das ciências, designados “servomecanismos”. O autor aponta para um discurso além do capitalista já observado por Lacan (1978/2017) na Conferência de Milão. Um sucessor a bater às nossas portas. Braunstein (2010, p.154) o chama de “discurso dos mercados” ou “pós-capitalista”, onde o lugar do agente seria um ser sem rosto, que não diz palavra alguma. Somente imagem? Perguntamo-nos.

A lógica discursiva dos mercados apresentar-se-ia como um conjunto de vai e vem cibernéticos, fora do tempo e do espaço, sem sujeito nem fins. O semblante seria do mercado com seus fluxos de capitais, deixando, assim, o sujeito de fora. Lógica que levaria o superego a demandar: “Goza!”. “Uma ideologia da foraclusão do sujeito, cuja máxima expressão se encontrará na doxa econômica que postula que os mercados funcionam sozinhos” (Braunstein, 2010, p. 157). Aponta a internet enquanto ocupante do lugar de agente. Segundo o autor, a internet propõe significantes imagéticos que podem se ajustar. Refere que, ao agente internet, o sujeito pergunta: “quem sou?”. E ela lhe responde: “podes escolher!”, numa operação que exclui o sujeito do laço social.

No discurso do capitalista – e também no sexto discurso, o discurso de mercado –, não há espaço para o sujeito questionar a demanda nem se perguntar sobre seu desejo. Justifica-se, assim, nossa afirmação de que o discurso capitalista é um discurso que deixa de fora a circulação do desejo e dificulta que os sujeitos que se nomeiam mulheres, mães e profissionais possam construir, singularmente e na condição faltante, o exercício dessas posições subjetivas. Porém, como Lacan (1992) propunha em sua teoria dos discursos, a posição discursiva que um sujeito dito desejante pode ocupar é variável, comportando um quarto de giro nas quatro estruturas discursivas que teorizou inicialmente. Vejamos do que se trata. Antes de chegar ao discurso do capitalista, Lacan (1992; 2003c) vinha desenvolvendo uma teoria dos discursos, a qual foi interpretada de diferentes maneiras. Couto et al. (2018) destacaram seu uso como operador conceitual que permite interpretar as formas prevalentes de enlaçamento social ao longo da história do Ocidente, bem como uma forma de pensar os embaraços, os entraves e os labirintos da sociedade contemporânea, sobretudo do capitalismo atual. Assim, tal teoria pode auxiliar a pensar a subjetividade das mulheres em nossa atualidade e os sofrimentos que observamos neste universo.

É relevante marcar o que Lacan (2003c), em *Radiofonia*, referiu sobre o inconsciente nada ter a ver com o conhecimento, mas sim com um saber. Os saberes são animados por um discurso. Para Lacan (2003c), o inconsciente produz uma função em progresso. É a partir de uma balança do inconsciente que surge um discurso. Esse é um conceito importante por situar o discurso no campo do inconsciente, estabelecendo um laço com o social e conferindo ao inconsciente uma dimensão de experiência e de ato. Aos discursos, atribui-se uma dimensão de não fixidez, de possibilidade de giro, o que também nos interessa aqui refletir. Isso permite conjecturar saídas possíveis diante do engolfamento do sujeito desejante no discurso capitalista.

Entre saber e verdade há sempre uma disjunção, teoriza Lacan, dizendo da impotência, de uma barreira ao gozo. Temos, assim, que as verdades, conseqüentes dos discursos, são armadilhas, ficções. Como refere D’Agord (2013): “O matema dos quatro discursos revela que não há como o saber recobrir a verdade. Portanto, a verdade tem a estrutura de ficção. Isso não é algo que nos condena, mas justamente nos liberta do absoluto” (p. 445). A dimensão do Real está em todo discurso: é, ao mesmo tempo, o que o produz e o sustenta. Nessa perspectiva, o Real é da ordem do impossível, não podendo ser demonstrado, embora ali esteja, produzindo e sustentando os discursos onde um sujeito pode situar-se.

Assim, os discursos são maneiras de lidar com o Real, com o vazio, ou a falta que não cessa de não se inscrever (Couto et al., 2018). Quer dizer que todo discurso onde um sujeito possa estar situado contém uma dimensão de incompletude, de insustentabilidade, por isso de caráter dinâmico. A verdade que os discursos velam é a de que sempre haverá uma falta, uma dimensão de incompletude que nos constitui. Lacan (1992) refere que todo discurso traz em si algo de impossibilidade ou impotência. Por isso diz que o sujeito é o fracasso do ideal, por ser incompleto.

Para pensarmos nas saídas possíveis ao sujeito, frente às demandas engolfantes do discurso capitalista, tomamos, então, os discursos inicialmente propostos por Lacan (2003c): do mestre, universitário, da histórica e do analista. Lembra-se das profissões impossíveis, referidas por Freud: educar, governar e analisar ao fazermos uma aproximação aos discursos do mestre (governar), universitário (educar) e do analista (analisar). Já o discurso histórico, seria aquele capaz de questionar o mestre, mostrando que este é castrado, faltante. No *Seminário 17*, Lacan (1992) propõe que os discursos tenham a estrutura de matemas, compostos por quatro elementos: S1, S2, a e \$, elementos que marcam os discursos, mas não são fixos, são intercambiáveis (Lacan, 2003c). Nos matemas, há um circuito de elementos que podem ocupar qualquer dos quatro lugares, desde que seja mantida a ordem entre eles. “A serialização ou ordenação dos elementos é um limite, é um ‘não’ que define a estrutura do matema dos quatro discursos” (D’Agord, 2013, p. 442). D’Agord (2013, p. 442) explica que:

Em ‘Radiofonia’ Lacan explicita esse limite do matema: 1. Fica limitado por um não, por não ser possível a um vetor chegar à verdade; 2. Fica limitado ao número de quatro por uma revolução não permutativa de sua posição em quatro termos. E os operadores seriam a progressão e a regressão em relação à verdade: a verdade da castração. Aqui a lei aparece não na exigência do giro em um quarto de volta dos elementos nos quatro lugares, mas na impossibilidade e impotência em se furtar à castração.

Essa passagem no texto de D’Agord (2013) aponta para a marca da castração existente nos quatro discursos. Então, nesses discursos inicialmente propostos por Lacan, que definem o sujeito pelos efeitos da linguagem e do laço com o social, temos uma serialização não cambiável (S1- S2 - a - \$). Essa serialização marca a impossibilidade e a impotência do sujeito de se furtar à castração, ou seja, marca a presença de um não, de uma falta constituinte. A essa série é possível girar em um quarto de volta, para trás ou para frente, permitindo que o sujeito ocupe diferentes posições entre os quatro lugares marcados como fixos em estrutura (agente, outro/saber, verdade, produção). Dizer que o sujeito pode estar situado em diferentes posições discursivas, ou seja, que ora pode situar-se numa posição discursiva do mestre, ora universitário, histórico ou do analista, é importante para pensarmos os sofrimentos subjetivos e as possibilidades de deslizamentos para enfrentá-los. Ao apresentar o discurso do capitalista, Lacan (1978/2017) teoriza uma estrutura discursiva que se fecha em si, tendendo a tamponar o entre, o intervalo, enfim, a falta do sujeito na estrutura que o constitui. Lembremos que, para haver o sujeito desejante, é preciso haver esta marca da incompletude.

Em *O Ato Analítico*, Lacan (2003b) referiu que muitos impasses ocorrem no exercício das funções parentais, pois as desempenhar remete o sujeito à própria biografia como sujeito sexuado (dividido, faltante). O autor observou que, mais do que nunca, as posições subjetivas do ser são colocadas à prova quando os sujeitos se tornam pais. As operações subjetivas que uma pessoa conseguirá desempenhar com seu filho exigem certas condições, como nos situa Iaconelli (2019). Essas condições colocam o ser em impasses relacionados à sua própria biografia e aos discursos da cultura onde está inserido. Mulheres, ao terem que conciliar os papéis de mãe e profissional, encontram-se imersas em uma condição que as coloca ainda mais em contato com a condição de ser faltante, dividido e incompleto.

Ao mesmo tempo, existem na cultura demandas de completude e perfeição. Esses são ideais de uma cultura capitalista: perfeição, amor materno sublime, “a mulher toda amor”, sucesso profissional, saúde e corpo em dia, plenitude, etc. Ora, se a condição exigida pelo exercício das funções parentais é a aceitação da dimensão da falta do ser, como aponta Lacan (2003b), essa contradição incide em conflitos e sofrimentos. Estes demandam espaços de reflexão que deem apoio/sustentação para a aceitação da condição humana faltante que nos constitui.

A Mulher que é Mãe e o Trabalho

Conforme já referido, não podemos pensar a maternidade como a única saída ao desejo feminino. A maternidade não comporta uma forma universal de ser para todas as mulheres. Mulheres são plurais e têm diferentes atravessamentos, dependendo da posição de gênero (cis, trans, etc.) que ocupam. Nomear-se “mulher” e “mãe” traz consigo jogos de poderes sociais. Ser “mulher” está atravessado também pela transmissão familiar e pela rede social de cada uma. Vemos que o excesso de responsabilidade que o discurso da cultura atual imputa às mães e pais parece dificultar o exercício da castração, da noção de que somos limitados e não damos conta de tudo, pois sempre algo faltará (Iaconelli, 2019a). Vale ressaltar que esse peso é maior sobre as mulheres, demandadas em serem responsáveis pelo cuidado dos filhos e da casa em maior grau que os homens (ILO, 2018). Além disso, são, geralmente, as mulheres quem mais diminuem o investimento no campo profissional para gerir os múltiplos papéis após a chegada do bebê (Martins et al., 2014).

Durante a pandemia do COVID-19, observou-se a redução de horas de trabalho em grande maioria por parte das mulheres (Collins et al., 2020). Estudos atuais apontam que mães com filhos pequenos (de 1 a 5 anos) reduziram suas

horas de trabalho de quatro a cinco vezes mais do que os pais, no período entre fevereiro e abril de 2020 (Staniscuaski et al., 2021). Os autores apontam que, em caso de incompatibilidade ou dificuldades na conciliação do papel profissional com o familiar, a abdicação da vida profissional acontece, na maioria das vezes, por parte das mulheres. Dessa maneira, é um fato que são as mulheres aquelas que mais se responsabilizam e subjetivamente estão mais atreladas às atividades de cuidados dos filhos. Quando essas mulheres investem sua energia – sua libido – também no universo profissional, isso acaba se refletindo em cobranças e ideias impossíveis de serem alcançadas. Muito comumente, escuta-se de mulheres que se sentem sobrecarregadas, cansadas, estafadas.

A partir da revisão de estudos de diferentes autores sobre o tema da maternidade e do trabalho, Macêdo (2020) constata que, no Brasil, a responsabilidade pelo trabalho doméstico formal ainda é, na sua maioria, destinada às mulheres. O autor aponta ainda que, muitas vezes, a subjetividade das mulheres está imersa no discurso que dita que é delas a responsabilidade de cuidados dos filhos, da casa, da família. No mundo, o relatório *Care Work and Care Jobs For The Future of Decent Work* (ILO, 2018) traz significativos dados no que tange aos trabalhos de cuidados, remunerados ou não, evidenciando que, geralmente, ainda são tidos como responsabilidades femininas. Observando 23 países ao redor do mundo, concluiu-se que mulheres e meninas realizam três quartos da quantidade total de trabalho não remunerado de cuidado. Além disso, dois terços dos trabalhadores de cuidados remunerados são mulheres. Este estudo apontou que, em nenhum país do mundo, homens e mulheres compartilham de forma igual do trabalho não remunerado e do cuidado. Ou seja, a relação de gênero e de cuidado não é equilibrada (ILO, 2018).

Borsoi e Pereira (2011) demonstram diferentes maneiras de divisão de trabalho, comparando homens e mulheres com vidas profissionais acadêmicas. As mulheres pesquisadas estavam mais propensas a maiores jornadas de trabalho e a sobreporem necessidades profissionais e incumbências domésticas, além de sofrerem ou adoecerem mais psiquicamente.

Para além do sofrimento, o trabalho também pode representar para muitas mulheres um sentido de satisfação pessoal e identificação. Fabbro e Heloany (2010), por exemplo, pesquisaram mulheres professoras acadêmicas. Segundo os autores, essas mulheres sentiram-se realizadas, encontrando um sentido para suas vidas no meio profissional. Ser profissional parece ter se tornado parte da identificação dessas mulheres, dando a elas um sentido de vida para além da maternidade, apontam os autores. Muitas mulheres que antes apresentavam uma inclinação ou desejo em se inserir na vida profissional, mas não agiam nesta direção por inúmeros fatores sociais, passaram a assumir seu desejo de serem profissionais na atualidade. Concomitantemente, muitas ainda querem ser mães.

Em um recente estudo focal com cinco docentes da Universidade Federal de Minas Gerais, Pereira et al., (2019) constataram que a maternidade era vista como um marco na vida dessas mulheres docentes, mas que o trabalho também era sentido como uma fonte de realização pessoal. Ou seja, estudos atuais apontam que mulheres apresentam identificações simultâneas enquanto profissionais e mães, lançando-se em direção de seus desejos a diferentes lugares e papéis sociais. Porém, embora considerassem natural conciliar os papéis de mãe e trabalhadora, narram também uma sobrecarga em relação aos seus afazeres profissionais com a maternidade (Pereira et al., 2019). Fabbro e Heloany (2010) corroboram com a ideia da sobrecarga feminina, referindo a existência de um conflito no qual observam a presença da introjeção de uma demanda ideal, advinda do discurso social, de que todo o cuidado é atividade feminino. Muitas vezes, observa-se como reflexo desse conflito um sentimento de culpa, por não se alcançar esse ideal e por não dar conta de todo esse cuidado. Tais estudos demonstram que a imagem – da mulher como cuidadora ainda possui grande força em nossa cultura.

É importante destacar que a “novidade” da inserção de mulheres no mercado de trabalho, no Brasil, é uma novidade da classe média ou alta, em geral, mulheres brancas. Como afirma Carneiro (2003, pp. 50-51):

A mulher que trabalha não é nenhuma novidade na história, como às vezes se afirma precipitadamente. A grande diferença que ocorreu de algumas décadas pra cá diz respeito à maneira como se passou a encarar essa atividade. As mulheres (a maioria delas) sempre trabalharam, mas isso não era motivo de orgulho, apenas a prova de uma condição social inferior: não eram nobres, nem ricas, nem bem casadas.

Assim, é importante ressaltarmos, em um exercício político, que o trabalho, para a maioria das mulheres negras e pobres, esteve sempre presente na sua existência. As conquistas femininas, gradualmente alcançadas, trouxeram mudanças de condições e de costumes, especialmente para as mulheres brancas de classe média. Esse passo tornou o trabalho mais almejado e tido como mais um motivo de orgulho pela emancipação dessas mulheres. Para além de garantir uma certa independência financeira em relação aos homens – e de responder a uma necessidade econômica –, o trabalho pode ser compreendido, também, como parte dos seus processos de identificação de muitas mulheres. Essas mulheres investem, também, libidinalmente no trabalho como fonte de realização pessoal, identificação e sentido para a vida (Pereira et al., 2019; Febro & Heloany, 2010; Almeida, 2007).

O tema das identificações é extenso na teoria psicanalítica. Já foi abordado por Freud e Lacan, dentre muitos outros autores, tendo seguido em constante desenvolvimento ao longo do tempo. Desse modo, seguimos aqui por alguns pontos que podem nos guiar nas reflexões sobre as identificações em relação às mulheres, no que tange à maternidade e ao trabalho.

Segundo Souza e Danziato (2014), a identificação é da ordem do romance inconsciente do sujeito e aparece como um modo de criação, via desejo sexual, em que se encena um drama com situações e personagens que afetam o eu. Considera-se haver uma identificação primária que dá condição para as demais identificações, e o que as impulsiona é o desejo. Em *Totem e Tabu*, Freud (1913/1990) destaca que a primeira identificação é a inscrição da lei simbólica, a interdição do incesto. “Esta primeira identificação é possibilitadora do estabelecimento de vínculos do sujeito, do direcionamento da libido para outras fontes, objetos externos” (Souza & Danziato, 2014, p. 55). Assim, os processos de identificações têm origem desde os primórdios da constituição subjetiva do sujeito. Abordam o modo de operação do desejo na tessitura de uma realidade inconsciente que produz efeitos sobre o eu. “Através das identificações, o sujeito adiciona elementos a seu romance inconsciente, elementos vindos do outro” (Souza & Danziato, 2014, p. 55). São elementos que não são propriamente características, mas sim significantes (representantes da representação inconsciente) que fazem o romance neurótico se movimentar. Os significantes e suas variações em cadeia promovidas pelo sujeito produzem novas significações. Assim, compreende-se que as identificações do sujeito dizem do desejo em cena, a produzir sentidos.

Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud (1921/1983) afirma haver três fontes de identificações: a originária (como referida anteriormente); a histórica, cuja propriedade seria tomar do outro, do ser amado ou odiado, alguns traços; e a identificação por contágio, descrita por Freud como um tipo de identificação que se daria ao nível do desejo (Souza & Danziato, 2014). Nessa terceira forma “por contágio”, uma determinada situação faria com que várias pessoas se aglutinassem em torno de um ponto comum, ao nível inconsciente. Com essa forma de identificação, podemos pensar que Freud estaria fazendo menção ao discurso da cultura e em suas incidências na identificação dos sujeitos. Freud observava que, nas massas, algo que ali se produzia agia para agrupar pessoas com pontos de identificação em comum e que influenciavam nos processos de identificação de cada sujeito.

Lacan (2003a/1981) aprofunda a discussão sobre as identificações. Propõe o conceito de traço unário, “sinalizando aquilo pelo qual cada um pode ser ‘um’, suporte da marca da singularidade” (Souza & Danziato, 2014, p. 55). Lacan pensa nos aspectos simbólicos e imaginários das identificações que derivam do traço unário. A identificação imaginária, pretensamente totalizante do espelho, buscaria uma identidade de completude, um fechamento de sentido. Já a identificação simbólica faria furo, falta, viria como suplência à totalidade enganosa do imaginário (Souza & Danziato, 2014). D’Agord et al. (2006, p. 120), sobre as duas formas de identificação, refere:

É imaginária a identificação que faz sentido para o sujeito, é simbólica a identificação que opera no sujeito. Ambas provêm do exterior, por isso dizemos que são oferecidas. Mas, se a primeira é aparentemente total como a imagem devolvida pelo espelho, a segunda será sempre falta, hiância, abertura para significância, no sentido de que um traço é repetidamente substituído, mas o que causa essa substitutibilidade é a vacância, a falta. Pois o sujeito não é o seu nome, assim como ele não é nenhuma das suas imagens. Ele sempre será mais do que seu nome e mais do que suas imagens.

Assim, nas identificações há algo de imaginário que proporciona algo com aparência de totalidade e há algo do simbólico, a marcar ausências, furos, faltas e novos sentidos. É isso que possibilita dizer que as identificações do sujeito não são fixas, mas operam com estas ausências. Vimos que, culturalmente, a imagem da mulher por muito tempo foi fortemente colada à imagem da mãe. Mas o que vemos na prática é que muitas mulheres desejam investir também na vida profissional, muitas não desejam a maternidade, inclusive. Ao postular que as identificações não são fixas para o sujeito, a teoria psicanalítica nos permite dizer que a identificação como trabalhadora oferece, para muitas mulheres, a oportunidade de um respiro de uma certa colagem ou fixidez identificatória, que por muito prendeu a mulher a um reconhecimento do Outro social/cultural, a uma saída única para seu desejo e identificação. O trabalho na vida das mulheres permite obter satisfação em outra via e descolar essa identidade fixa que a cultura por muito sustentou da mulher = a mãe.

A vida profissional também pode ser pensada como um terceiro a fazer um corte na relação mãe/bebê e, portanto, como uma operação simbólica salutar na constituição subjetiva do bebê e na vida subjetiva da mãe. Ao observarmos o lado da mãe, pensamos que ligar sua libido a outras formas de identificações pode proporcionar a circulação do desejo na tessitura das subjetividades. Por um lado, o acúmulo de tarefas – dedicar energia tanto para o trabalho profissional quanto para o exercício da maternidade – tornou-se mais cansativo, pois o que se observa na experiência da maioria das mulheres é justamente o acúmulo de funções. Por outro lado, a saída para o trabalho é, para muitas, descrita como fonte de identificação e satisfação. Observa-se que, atualmente, é socialmente permitido e reconhecido que as mulheres tenham identificações múltiplas, não somente como mães. Ainda assim, a culpa continua sendo bastante presente em falas de mulheres. Ela aponta para o peso ainda fortemente presente nas demandas culturais. Dessa operação entre o discurso instituído – de que a maternidade deveria prevalecer entre os papéis por elas ocupados – e um novo discurso em construção – o da mulher que pode/deve (?) ocupar também um lugar na esfera do trabalho –, observamos sentimentos de ambivalência e conflito nas falas femininas. Tudo isso permeado pelo discurso capitalista como pano de fundo, demandando sucesso, produtividade e felicidade em todos os planos, não abrindo a possibilidade de prazer, mas sim exigindo-o.

Em diferentes falas, observamos que algumas mulheres ocupam uma posição mais questionadora, conseguindo fazer furos discursivos, reconhecendo seus limites, fazendo frente às demandas que impõe o tal “dar conta de tudo”. Outras

demonstram um engolfamento às demandas de um discurso que não admite erro, impossibilidade ou imperfeição. Na teoria lacaniana, dentro dos quatro discursos primeiramente referidos, os discursos permitem ao sujeito uma certa flexibilidade, uma mudança de posição em um quarto de giro (Lacan, 1992, 2003c).

Destacaram-se, em nossa leitura dessas quatro posições discursivas, as saídas possíveis frente ao discurso do capitalista. Sujeitos que se nomeiam mulheres, mães e trabalhadoras têm, tanto no discurso histórico quanto no discurso do analista, possibilidades de, em suas singularidades, ocuparem um lugar onde seja possível a circulação do desejo, frente ao impossível e ao faltante do exercício da parentalidade.

O discurso histórico, questionador do instituído; o do analista sustenta não respostas, mas reflexões necessárias para a constituição das ficções que nos constituem enquanto seres falantes.

Lacan (1992) chamou de discurso da histórica a estrutura discursiva capaz de dar ao sujeito que se coloca nessa posição de potência a fazer furo no instituído, mostrar que o mestre é faltante. O autor citou que esta posição discursiva desvela a onipotência do mestre e o coloca como incompleto, que o mestre é barrado. Se o mestre moderno é o capitalista, esta posição discursiva é potente em fazer questão aos ditos que demandam ao feminino dar conta de tudo.

Temos um ideal capitalista na cultura que diz: “sim, nós podemos!”, “podemos tudo!”, um superego que diz “goza!”. Ouvimos comumente que a mulher é guerreira, é forte, aguenta o tranco. Talvez como a outra face daquele que diz que a mulher é o sexo frágil, dependente de um homem que a proteja. Porém, essas falas que lhe oferecem supostamente força, apontam para uma demanda de ser toda, super.

O sujeito posicionado numa estrutura discursiva histórica, como teoriza Lacan, questiona tais ditos, põe à prova o instituído, enfim, coloca em questão o fechamento do discurso capitalista. A atividade analítica também se faz potente frente a tal discurso de fechamento. Temos, na estrutura do discurso do analista, espaço de questionamento à demanda do sujeito, revisitando questões sobre o desejo. “A dimensão que sustenta o encontro (no discurso do analista) é justamente a não satisfação das demandas, a não resposta às perguntas, a oportuna denúncia da ilusão da idealização” (Braunstein, 2010, p. 162).

Braunstein – ao pensar o discurso pós-capitalista, dos mercados – observa que ambos não favorecem a presença da falta, de quebra das idealizações e, portanto, do sujeito desejante. Para ele, no discurso dos mercados teríamos como produto S1 (significantes mestres) coletivos, de massa, a tamponar a falta e serem facilmente descartados pelo sujeito, enquanto no discurso do analista haveria uma produção de S1 para a singularidade do sujeito e seu desejo. Assim, podemos mencionar a importância do posicionamento feminista de muitas mulheres, que, com sua voz ativa, questionam o instituído, bem como a dos analistas, que em seus trabalhos trazem questionamentos aos sujeitos sem responder às demandas. Ambos sustentam a possibilidade de que as singularidades dos sujeitos se expressem e de que o desejo circule. Trata-se, portanto, de saídas possíveis frente a força da demanda de engolfamento e sofrimento advinda do discurso capitalista, o qual massifica, florciui a dimensão da falta das incompletudes, e apaga a originalidade e singularidade de cada sujeito ao se compor como mulher, mãe e profissional.

Considerações Finais

Atualmente, incide sobre as mulheres o discurso capitalista, que não favorece o exercício da maternidade e da vida profissional com a presença da falta. É comum cobranças que se impõe em “dar conta de tudo”, um ideal que a psicanálise demonstra ser inalcançável, tendo como premissa que somos fundados e constituídos enquanto sujeitos por essa marca faltante. Algumas mulheres se mostram engolfadas a tal discurso, sugerindo sofrimento subjetivo por não alcançarem as demandas ideais de plenitude, amor total e sucesso profissional. Outras vezes, observamos mulheres que questionam tal discurso e ditos de totalidade ou padrões, ocupando posições que favorecem a singularidade e o modo de ser de cada uma. Conjecturamos a possibilidade de se posicionar frente ao discurso fechado capitalista, permitindo a circulação do desejo e da singularidade, situando as estruturas discursivas ditas histórica ou do analista.

Ainda, pensamos que além de sofrimento ou necessidade financeira, o trabalho pode ser representante de outra fonte de realização e identificação feminina que não a maternidade. Bancar o desejo diz de responsabilidade e escolhas. Trata-se de também deixar algo por outro.

Em tempos nos quais somos banhados pelo discurso capitalista, bancar o desejo de ser mãe e profissional, considerando não sermos totais, aceitando e lidando com a premissa de que sempre algo faltará ou sobrá, não é tarefa fácil. No cenário, onde prepondera o “dar conta de tudo” e o “ser feliz plenamente”, ser mãe e profissional, respeitando as singularidades e a dimensão do desejo, passa invariavelmente pela necessidade de arcar com a condição de ser incompleta enquanto sujeito, enquanto humana. Assim, é necessário que existam espaços que ofereçam a possibilidade de reflexão pela escuta das singularidades. Como propõe a atividade psicanalítica, faz-se fundamental considerar a história pessoal e, sobretudo, as reconhecer as limitações, as possibilidades e as singularidades de cada uma, bem como a necessidade de posicionamentos como as feministas, que questionam o instituído no social. Nesse sentido, concordamos com o que diz Iaconelli (2015, p. 98):

Acreditamos que só refletindo sobre as bases nas quais as possíveis escolhas estão sendo feitas, mulheres e seus companheiros podem se beneficiar de uma situação em que a parentalidade se basearia no desejo dentro das possibilidades e limitações de cada caso e não segundo forças da natureza, e com isso poderíamos falar em humanização.

Assim, observamos que tanto mais o sujeito tenha um cenário favorável a ocupar um posicionamento questionador e que o sustente, mais haverá potência a fazer furos em um discurso fechado e totalizante. Aquilo que, na cultura, busca afirmar as mulheres em suas diversidades e respeitar suas singularidades – bem como espaços de pensamento crítico e reflexivo – contribui para fazer um furo nesse discurso de assujeitamento do discurso do capitalista. Isso favorece a circulação do desejo e torna mais possível ser mulher, mãe e trabalhadora conforme as singularidades e possibilidades de cada uma.

Por fim, retomamos a importância de salientar que o recorte e as reflexões deste estudo se referem, em sua maioria, a mulheres cisgêneros em relações conjugais heterossexuais. Ser mulher, mãe e profissional, embora tenha facetas semelhantes para a maioria das mulheres, também têm especificidades e diferentes atravessamentos para mulheres transexuais, lésbicas ou de outras orientações e vivências. Fica, assim, em aberto a necessidade e a relevância de futuras pesquisas que contemplem essas outras experiências.

Referências

- Almeida, L. S. (2007). Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, 19(2), 411- 422. <https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000200011>
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Novas Fronteira.
- Badinter, E. (2011). *O conflito: a mulher e a mãe*. Record.
- Borsoi, I. C. F., & Pereira, F. S. P. S. (2011). Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento. *Temporalis*, 11(21), 119-145. <https://periodicos.ufes.br/index.php/temporalis/article/view/1380>
- Braunstein, N. (2010). O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso? *A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia*, 2(1), 143-165.
- Carneiro, S. (2003). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *ATTENA - Repositório Digital da UFPE*. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/54022>
- Collins, C., Landivar, L. C., Ruppner, L., & Scarborough, W. J. (2020). COVID-19 and the gender gap in work hours. *Gender, Work & Organization*, 28(S1), 101–112. <https://doi.org/10.1111/gwao.12506>
- Couto, L. F. S., Casséte, J. L. Q., Hartmann, F., & Souza, M. F. G. (2018). Os discursos Lacanianos como laços sociais. *Revista Subjetividades*, 18(esp.), 93–104. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v18iEsp.6562>
- D'Agord, M. R. L., Binkowski, G. I., & Chittoni, F. B. (2006). Classes interativas e identificação em psicopatologia. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology*, 6(1), 116-130. http://www.fundamentalpsychopathology.org.br/wp-content/uploads/2019/10/classes_interativas_e_identificacoes_em_psicopatologia.pdf
- D'Agord, M. R. L. (2013). Do grafo do desejo aos quatro discursos de Lacan. *Psicologia USP*, 24(3), 431-451. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000300005>
- Dunker, C. I. L. (2019). O discurso do capitalista: espectros de Marx em Milão. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 13, 108-130. <http://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/282/255>
- Fabbro, M. R. C., & Heloani, J. R. M. (2010). Mulher, maternidade e trabalho acadêmico. *Investigación y Educación en Enfermería*, 28(2), 176-187. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-53072010000200004
- Freud, S. (1983). Psicologia das massas e análise do eu. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 65-143). Imago. (Obra original publicada em 1921)
- Freud, S. (1988). O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 81-171). Imago. https://cei1011.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/04/freud_o_mal_estar_na_civilizacao.pdf

- Freud, S. (1992). Totem e Tabu. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 11-125). Imago. (Obra Original Publicada em 1913)
- Freud, S. (1996). Conferência XXXIII - Feminilidade. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 139-167). Imago. (Obra original publicada em 1933)
- Garrafa, T. (2020). Primeiros tempos da parentalidade. In D. Teperman T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Parentalidade* (pp. 55-70). Autêntica.
- Iaconelli, V. (2015). *Mal-estar na maternidade: Do infanticídio a função materna*. Annablume.
- Iaconelli, V. (2019). *Criar filhos no século XXI*. Contexto.
- Iaconelli, V. (2020). Sobre as origens: muito além da mãe. In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Parentalidade* (pp. 11-22). Autêntica.
- International Labour Organization [ILO]. (2018). *Care work and care jobs: For the future of decent work*. ILO publications. <https://www.ilo.org/publications/major-publications/care-work-and-care-jobs-future-decent-work>
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-70)*. Zahar.
- Lacan, J. (2003a). *O Seminário, livro 9: Identificação (1961- 62)*. Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Originalmente publicado em 1981)
- Lacan, J. (2003b). *O Seminário, livro 15: O ato analítico (1967-68)*. EFBA.
- Lacan, J. (2003c). Radiofonia: Respostas às sete perguntas formuladas pelo Sr. Robert Georgin para a radiodifusão belga (1970). In *Outros Escritos* (pp. 400-447). Zahar.
- Lacan, J. (2017). *Do discurso psicanalítico (Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972)*. (pp. 33-53, S. R. Felgueiras, Trad.). <http://lacanempdf.blogspot.com/2017/07/do-discurso-psicanalitico-conferencia.html> (Originalmente publicado em 1978)
- Macêdo, S. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. *Revista do NUFEN*, 12(2), 187-204. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012
- Martins, C. A., Abreu, W. J. C. P., & Figueiredo, M. C. A. B. (2014). Torna-se pai e mãe: um papel socialmente construído. *Revista de Enfermagem*, 4(2), 121-131. <http://dx.doi.org/10.12707/RIII1394>
- Ongaratto, S. (2019, 14 Outubro). “A conta ‘mulher, trabalho e filhos’, simplesmente não fecha”, afirma a psicanalista Vera Iaconelli. *Crescer*. <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Rotina/noticia/2019/10/conta-mulher-trabalho-e-filhos-simplesmente-nao-fecha-afirma-psicanalista-vera-iaconelli.html>
- Pereira, L. F. L., Silva, T. M., Couto, D. P., & Silva, M. L. (2019). Consumir e Consumir-se: Gozo e Capitalismo na Contemporaneidade. *Revista Subjetividades*, 19(3), 1-11. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i3.e7400>
- Santos, P. T., & Brandão, A. A. R. (2015). A transformação da mulher na relação com o trabalho. *Revista Psicologias*, 1, 1-16. <https://periodicos.ufac.br/index.php/psi/article/view/208>
- Silva, M., Ferrari, A. G., Copatti, A. L., Hoewell, A. G., Silva, E. X., & Silva, L. R. (2020). *Maternidades: narrativas de mulheres que são mães em tempos de pandemia e isolamento social* (Projeto de Pesquisa). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Souza, L. B., & Danziato, L. J. B. (2014). Das relações entre identificação e nomeação: O sujeito e o significante. *Revista Subjetividades*, 14(1), 53-61. <https://doi.org/10.5020/23590777.14.1.53-61>

Staniscuaski, F., Kmetzsch, L., Soletti, R. C., Reichert, F., Zandonà, E., Ludwig, Z. M. C., Lima, E. F., Neumann, A., Schwartz, I. V. D., Mello-Carpes, P. B., Tamajusuku, A. S. K., Werneck, F. P., Ricachenevsky, F. K., Infanger, C., Seixas, A., Staats, C. C., & Oliveira, L. (2021). Gender, Race and Parenthood Impact Academic Productivity During the COVID-19 Pandemic: From Survey to Action. *Front. Psychol*, 12(663252), 1-14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.663252>

Como citar:

Hoewell, A. G., & Silva, M. R. (2025) Mulher, Mãe e Profissional: Incidências Discursivas na Atualidade. *Revista Subjetividades*, 25(2), e13503. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i2.e13503>

Endereço para correspondência:

Andressa Grando Howell
E-mail: andressa.psi@terra.com.br

Milena da Rosa Silva
E-mail: milenarsilva77@gmail.com



Recebido em: 03/02/2022.

Aceito em: 21/08/2025.